

RUBEM FONSECA, O GENIAL CONTESTADOR

*Erica Xavier**

*Joyce Nara Soares**

*Maria de Lurdes Helfer**

Orientadores: *Énio Moraes Dutra***

*Eunice Piazza Gai***

* As ex-alunas do Curso de Letras da FISC são as autoras deste trabalho.

** A orientação inicial foi dos professores Énio Moraes Dutra e Eunice Piazza Gai do departamento de Letras da FISC. A orientação final e a apresentação é da Professora Eunice Piazza Gai.

SIGNO, Santa Cruz do Sul, FISC, v.14, nº20, p.19-42, abr.1989

APRESENTAÇÃO

O presente estudo é o resultado de leitura, discussão e reflexão de um grupo que, desde o início de 1988, está empenhado em conhecer melhor a Literatura Brasileira contemporânea. Ainda não é possível estabelecer objetivamente o fim a que o grupo se propõe, que rumos poderá seguir. Sabe-se, todavia, que ele brotou de uma necessidade e de uma carência institucionalizadas em torno do estudo de Literatura Brasileira de produção atual. Compõem o referido grupo ex-alunos e professores do curso de Letras da FISC.

Neste trabalho, o objetivo de reflexão e análise é Rubem Fonseca, mais especificamente, um conto: ONZE DE MAIO do livro O Cobrador.

Justifica-se a escolha porque ao grupo pareceu, após a leitura e longas discussões a respeito de toda a obra do autor, que esse conto sintetiza algumas de suas propostas temáticas mais obsessivas, além de constituir uma metáfora bastante interessante do país, principalmente se considerado o contexto social da época em que foi escrito. Foi sob este aspecto que o grupo tentou analisar o texto, sentindo desde logo que seria necessário um estudo paralelo de História do Brasil.

Assim, o trabalho acabou por estruturar-se da seguinte forma: uma introdução que é um panorama histórico-político-social do Brasil desde a década de sessenta, servindo como valioso instrumento auxiliar para a compreensão, não apenas do conto em questão, mas de toda a obra de Rubem Fonseca; e o corpo propriamente dito do trabalho que poderia ser caracterizado como algumas possíveis leituras do conto ONZE DE MAIO, sempre no intuito de explicitar melhor o texto literário, uma tentativa até, pode-se dizer, de desfazer a metáfora, não como quem desmonta um brinquedo, mas como quem interpreta e busca um ou mais sentidos. Representa, sobretudo, o esforço empreendido para ler as entrelinhas e também, consequentemente, para ler melhor a realidade, uma forma atual, talvez, de se avaliar o caráter educativo da arte.

Resta ainda salientar que o conto ONZE DE MAIO não é apenas a metáfora de uma época ou de um país determinado; é, isto sim, uma metáfora permanente e mesmo futurista, daquela violência organizada, hipócrita e sem nome (no "lar" todos são "irmãos") dirigida não só aos aspectos físicos, mas especialmente ao plano moral e intelectual, projetada para provocar o suicídio coletivo e a esterilidade completa.

Não mais a violência dos revólveres apontados, das mortes brutais; não mais os objetos contundentes como armas

de tortura...

No ONZE DE MAIO não se vê sangue escorrendo, mas uma fumaça que sai de uma chaminé suspeita; uma televisão com volume alto a repetir sempre velhos programas; uma alimentação defasada e o absoluto descaso com a saúde dos internos...

É a violência surda, velada, de coação e pequenos torturantes castigos (como ser privado do lanche ou do café), castradora que é, vai conduzindo calmamente ao obscurantismo, à inação, à decrepitude, à morte.

Mas, a "luz no fim do túnel" que o grupo vislumbrou é a necessidade de reagir, de revoltar-se, de salvar-se.

UMA RETROSPECTIVA

A bipolarização do poder que seguiu a Segunda Grande Guerra (a divisão do mundo nos blocos socialista e capitalista) mudou o conceito de segurança nacional de várias nações, em especial dos Estados Unidos - ao isolacionismo de Monroe sucedeu a guerra fria: a segurança do hemisfério ocidental fundiu-se à norte-americana; a política interna dos países da América Latina, por conseguinte, tornou-se mais e mais relevante e, sob esse prisma, não é difícil entender o porquê da eclosão dos numerosos golpes militares que tanto caracterizaram as últimas décadas, bem como da abertura ampla e generalizada às empresas estrangeiras. - A dominação econômica é a chave da hegemonia de qualquer superpotência e, para facilitar a sua expansão, determinadas condições se fazem necessárias (assim, o intervencionismo, direto ou indireto, é o requisito básico, assegurando uma ordem preservadora dos interesses dominantes): dentro do esquema transnacionalizador, o Estado, submisso à dinâmica, limites e contradições do capitalismo selvagem, passa por uma série de transformações, mostrando, de modo geral, um perfil centralizado, tecnocrático, desnacionalizado e repressivo.

Sem dúvida, a principal característica desse processo é a perda de soberania: fora dos centros de decisão do sistema transnacional, ele não pode abdicar de suas funções e não pode, por outro lado, atendê-las; passa a promover os meios para que se efetive a transnacionalização e administra suas crises conseqüentes, mas não pode determinar o tipo de crescimento adequado às suas próprias necessidades e potencialidades; incorpora projetos "hóspedes" de interesses alienígenas como se fossem indispensáveis ao progresso e, por isso mesmo, se vê expoliado de todos os modos possíveis e imagináveis; em síntese, não é soberano de seu destino, quer

econômica, política, tecnológica, militar ou culturalmente.

AS RAÍZES DO GOLPE

No caso do Brasil, nossos problemas começaram já no governo JK, em que os lemas "cinquenta anos em cinco", "marcha para o oeste" e a construção da "Capital da Esperança" serviam para encobrir e mascarar o entreguismo: sob a proteção governamental, os ramos fundamentais da indústria passaram, rapidamente, para o controle externo, e a classe empresarial brasileira, em segundo plano, acabou entrando, via de regra, como sócia minoritária das multinacionais. A chuva de dólares logo começou a pressionar e dominar a nossa economia, gerando e fazendo crescer a inflação.

Jânio Quadros, a seguir, prometendo "varrer" a sujeira administrativa, e eleito por esmagadora maioria de votos, não consegue implantar nem as desejadas reformas (agrária, lei antitruste e limitação de remessa de lucros), nem levar a cabo o pretendido reatamento de relações comerciais com os países comunistas (o que o tornou alvo de muitas suspeitas aos olhos da direita). Sem apoio, renuncia, depois de poucos meses, alegando a pressão de "forças ocultas", na malograda expectativa de ser reconduzido ao poder.

A João Goulart, o vice-presidente, então em missão diplomática na República Popular da China, só é permitido assumir após uma considerável mobilização, liderada pelo governador Brizola e pelo III Exército: é a "campanha legalista", que chega, mediante a instituição do Parlamentarismo pela emenda nº 4, a um acordo com os opositores.

Objetivando conter a espiral inflacionária e promover o desenvolvimento, Jango, não obstante as limitações do novo sistema, tenta implantar o chamado "Plano Trienal". - Logo esbarra, porém, na dívida externa, cujos prazos a acertar e novos empréstimos somente eram negociados à medida que houvesse amplas e vantajosas garantias.

Com o plebiscito de 63 e a opção pelo retorno ao Presidencialismo, viabilizam-se a regulamentação da remessa de lucros para o exterior, a nacionalização das refinarias de petróleo (e o monopólio estatal de sua importação), bem como o projeto de reforma agrária - medidas incômodas para muita gente.

A política de Goulart caracterizava-se pelo apoio a uma democracia de cunho popular (sindicatos, ligas camponesas, setores nacionalistas das Forças Armadas e mesmo organizações ilegais, como a CGT e o Partido Comunista, recebiam,

quando não o apoio, ao menos a tolerância governamental): esse tipo de incentivo, somado à elevada taxa de inflação (73,5%), que aumentava a carestia e exacerbava os ânimos, acabou enredando o governo numa avalanche de greves e exigências insaciáveis. - Nesse meio tempo, conseqüentemente, crescia o descontentamento subterrâneo (e, potencialmente, muito mais agressivo) dos segmentos dominantes da sociedade, que viam, no populismo janguista, a estampada ameaça da comunização. Dessa maquinação, secretamente armada pela extrema-direita, resultou o Golpe de 64.

"REVOLUCIONÁRIOS"

Instigados por segmentos da sociedade civil (donos de latifúndio, alta e pequena burguesia, multinacionais, setores da classe média e da Igreja Católica), os militares da Escola Superior de Guerra posicionaram-se à testa do movimento.

Com a vitória (...) foi afastado o perigo comunista, que ameaçava o País. (...) Para nós (...) tinha chegado o momento de decidir qual o regime que nos interessava: o democrático ou o totalitário. (...) Cada país tem o governo que quer, sendo democracia; a nossa pode diferir de outras, mas é a que nos convém, a que nos dá segurança e é a que devemos defender. (...) Era sair da legalidade para entrar no direito. (1)

As palavras do Mal. Odílio Denys, enunciadas logo acima, dão uma amostra bem clara da mentalidade reinante. - Jango, incapaz de resistir e recusando o inevitável e inútil derramamento de sangue que fatalmente acompanharia a resistência, exila-se no Uruguai. - Após o temporário empossamento do Presidente da Câmara dos Deputados Rainieri Mazzili, assumiu a presidência o Mal. Humberto de Alencar Castello Branco: era a ditadura militar.

A DITADURA

Com o triunfo da coalizão direitista do autoritarismo, nossas portas, que já estavam abertas, escancararam-se, de vez, ao capital estrangeiro.

Quanto à produção cultural, são graves as consequências trazidas pelo arbítrio: passado o Manifesto dos Intelectuais, passado o protesto dos anos 60 (em que a ordem do dia era questionar a realidade nacional através de movimentos como o Opinião, o Tropicalismo e a inventividade cinemanovista), restou, à geração de 70, a resignação à mediocridade: escasseiam os textos críticos, a classe artística, desfalcada e enfraquecida, não chega sequer à sombra do que foi. - Essa reviravolta surpreendente é, na verdade, facilmente explicável, se levada em conta a terrível força dos poderes de exceção que sombrearam o período.

O AI - 5

Ao contrário do que pode parecer, não era coeso o grupo que alicerçou o golpe - trazia, em si, muitos interesses inconciliáveis - e o mesmo se aplica às Forças Armadas, em que a "sorbonne" castelista, no palco do poder, media forças com a "linha dura" dos bastidores.

Os sorbonistas viam sua função como sendo moderadora - uma intervenção de caráter permanente, sob o seu ponto de vista, era algo fora de cogitação: "Se nós adotarmos esse regime, entraremos nela pela força, haveremos de mantê-lo apenas pela força e sairemos dela pela força"(2) - os dizeres do então general Castello Branco.

Os "duros" alimentavam, por outro lado, a aferrada convicção de que os militares deveriam, considerando a comprovada incapacidade das instituições políticas vigentes, não apenas intervir, mas assumir, de fato e de direito, o domínio total e definitivo do governo.

Para complicar ainda mais a situação, os radicais esquerdistas, apregoando uma insurgência que ignorava limites, agravaram essa rivalidade e o enrijecimento de posições, favorecendo, em consequência, a vitória hegemônica da linha dura. - Assim, tão logo os castelistas foram jogados para escanteio, seus sucessores, com um novo Ato Institucional, tomaram completamente as rédeas da situação: a ditadura que as esquerdas combatiam ganhava o seu "D" maiúsculo.

O AI-5 não visou à luta armada em particular. Mais do que tudo, o que atemorizava o governo era a desestabilização, a incapacidade de se manter face ao alastramento do clima de sublevação. Em fins de 68 não se tratava ainda de abater um inimigo preciso, bem iden-

tificado, que desafia o poder nos seus próprios termos, isto é, no plano político militar. O escopo do cometimento governamental era mais amplo: tratava-se de debelar a contestação difusa, domesticar vastos setores da sociedade, neutralizar áreas nevralgias da opinião pública. Com o AI-5, instaurou-se o controle absoluto. (3)

O mencionado Ato eliminava os limites constitucionais por prazo indeterminado. O chefe do Executivo passava a ter, à sua disposição, um arsenal, podendo decretar:

- a) o recesso do Congresso e demais casas legislativas;
- b) a intervenção em estados e municípios;
- c) a cassação de mandatos eletivos e a suspensão dos direitos políticos de qualquer cidadão;
- d) a remoção, aposentadoria ou reforma de quaisquer titulares de cargos públicos;
- e) o estado de sítio, fixando seu prazo de duração;
- f) a suspensão de garantias constitucionais referentes às liberdades de reunião e associação;
- g) a censura da imprensa, correspondência, telecomunicações e diversões públicas.

E isso foi só o princípio: quanto maior a proporção atingida pela escalada de violência - focos guerrilheiros, seqüestros, assaltos a bancos e choques armados - frutos do desespero, tanto mais instrumentos iam sendo criados para aumentar a autocracia do poderio militar. Lamentavelmente, como toda ditadura, ela realimentou-se de sua oposição, e os órgãos de segurança, em nome da Pátria, lançaram-se à tortura e ao assassinio, arbitrariamente e independentemente, constituindo-se na vergonha nacional e numa afronta a todo e qualquer sentimento de humanidade.

EXCEÇÃO À REGRA

Sob o peso do AI-5, a inovação foi um prodígio que pouquíssimos escritores se atreveram a ostentar: Rubem Fonseca, pode-se dizer, foi um desses corajosos - e teve problemas sérios com a censura, como ocorreu com seu "Feliz Ano Novo", proibido durante vários anos. - A perseguição, todavia, não teve como impedir, malgrado seus esforços, que esse notável contista (quando não explícita, implicitamente) prosseguisse retratando a opressão daqueles tempos difíceis.

UM CONTO DE RUBEM FONSECA

Em "O Cobrador", outra obra incisiva, publicada em 79, há uma narrativa deveras interessante que, a nosso ver, conota, engenhosamente, o que foi o clima asfixiante dos dias negros do AI-5. - O que se segue é uma análise da mesma.

"ONZE DE MAIO"

Trata-se de uma instituição : - O "Lar" Onze de Maio - que abriga pessoas idosas e pobres, ela exerce uma repressão velada mas constante e brutal, até o ponto de apressar a morte dos internos quando seu estado de saúde começa a inspirar maiores cuidados. Os internos vivem abarrotados em cubículos, proibidos de circular livremente, obrigados a assistir eternamente, em volume alto, velhos programas de televisão, as conversas sempre vigiadas e sofrem castigos se descumprem as ordens. Descaso absoluto com a alimentação (vivem de sopas ralas, pão e café) e a saúde dos internos (para todos os males são receitadas aspirinas, apenas para casos determinados há outros remédios suspeitos).

Esse quadro angustioso é descrito de modo pungente pelo ex-professor de História, José, um dos internos que começa a tomar consciência da situação indigna que levam todos e passa a discutir e articular-se com dois outros companheiros: o velho atleta Cortines e o ex-policial Pharoux. Juntos, revoltados com as injustiças de que são vítimas, planejam um motim contra a ordem estabelecida. Após a invasão de seu apartamento, o diretor e sua amante transformam-se em reféns; a geladeira, abarrotada de comida, é pilhada.

Os três comem à vontade (exceto José) e sentem-se fortalecidos, felizes.

SEPARATISMO DISCRIMINATÓRIO

As características mais evidenciadas no Onze de Maio são, indubitavelmente, o tratamento injusto e desigual de seus habitantes (para os internos, praticamente nada; para o Diretor e os "Irmãos", uma série de privilégios) e o separatismo, a solidão.

A própria arquitetura do prédio demonstra isso:

O Diretor me chama para ir vê-lo. O escritório dele fica numa torre da altura da

chaminé do forno de lizo, mas do outro lado. O Lar é um edifício de dois andares, dividido em oito alas de sessenta cubículos cada. (...) São quatro alas no primeiro andar e quatro alas no segundo, possivelmente todas as alas com sessenta cubículos, como a minha. Acho que é isso. Um quadrado. No meio fica o pátio, de um lado a chaminé e do outro a torre do Diretor. Um edifício feio e triste. (4)

Também é revelador o espaço interno:

"O café da manhã, o almoço e o lanche são servidos no cubículo. É um enorme trabalho, levar marmitas e canecas até o cubículo de cada um. Deve haver alguma razão para isso.

O cubículo tem cama, armário, penico e televisão" (5) e "não têm porta" (6) - em suma, o indispensável à vida vegetativa, garantindo que o indivíduo permaneça o máximo de tempo isolado de todos, mas ao alcance da visão dos censores.

Já o apartamento do Diretor "tem uma sala, quarto, cozinha e banheiro. Só há um acesso para ele, (...) uma porta de madeira grossa, sua fechadura é velha, mas tem duas tranças de aço embutidas." (7) - O contraste é marcante.

FAMINTOS E NÃO-FAMINTOS

A oposição existente manifesta-se de múltiplas formas - a gordura é uma delas:

O Diretor levanta-se, depois de pegar um papel em cima da mesa. Não sei como ele na sua cadeira, que tem em cada lado dois ressaltos altos para apoio dos cotovelos. Sua bunda é muito grande. Fico alerta esperando que ele se vire de costas para eu olhar a sua bunda grande e mole. Minha bunda é seca e solta, como a de um gato velho. (8)

A idade é, também fator distintivo:

"O diretor é um homem gordo e jovem. Com exceção dos internos todos são jovens no Lar Onze de Maio." (9)

É a hipocrisia, porém, o mais degradante: a denominação de "Lar" para um asilo que não passa de uma prisão; já é, por si só, deplorável, mas, pior do que tudo é o desprezo pela pessoa humana:

"Ele me chama de senhor para fingir um respeito que

na verdade não sente. Eles são todos muito bem treinados."
(10)

A fome e o regulamento draconiano existem para o "bem" dos velhinhos:

Hã alguma coisa que o senhor queira dizer, alguma queixa?

Não, nenhuma queixa.

(...)

Tenho aqui umas informações...

Ele finge ler o papel.

O senhor não tem seguido o Regulamento do Lar. Veja bem, o Regulamento é feito para proteger os internos, foi elaborado por médicos e psicólogos para o bem de todos, entendeu?

(...)

Pensando bem tenho uma queixa, digo.

Uma queixa? Ora, ora, por favor, apresente-a, por favor.

A comida. Não é boa e me parece pouco nutritiva.

É a mesma comida que se come nos quartéis, nas fábricas, nas escolas, nas cooperativas, nos ministérios, em todos os lugares. O país atravessa uma situação difícil. O senhor acha que os aposentados devem comer melhor do que aqueles que produzem? Não acha é claro. Além do mais a comida servida aqui no Onze de Maio segue os requisitos estabelecidos pelo dietista, tendo em vista as exigências orgânicas peculiares dos internos.

O Diretor volta-se, vai para a sua cadeira. Não sei como ele consegue se enfiar na cadeira. Também entrar na roupa deve ser difícil.

Sopas rasas, digo.

Nem todos têm muitos dentes, como o Senhor...

Uma comidinha macia é mais fácil de ingerir...

Temos que colocar acima de tudo o bem-estar da maioria. A maioria, entendeu, a maioria.

Falou uns dez minutos sobre as necessidades da maioria: descanso e papinhas. (11)

É sempre a "crise" a responsável:

Fome? Fique sabendo que a nação gasta uma parte substancial de seus recursos com inativos

idosos. Se quiséssemos manter todos os aposentados bem alimentados e felizes, através de custosos programas de medicina preventiva, de terapia ocupacional, de recreação e de lazer, todos os recursos do país seriam consumidos nessa tarefa. O senhor não sabe que o país atravessa uma crise econômica das mais graves em toda a sua história? Já fomos um país de jovens e aos poucos estamos nos tornando um país de velhos. (12)

E há, é obvio, outros ângulos na subnutrição: há a carência afetiva - a "insuportável vontade de comer um bombom de chocolate" (13) - e a carência ideológica - mescla de vazío existencial e castração autoritária, certamente o mais deprimente legado da geração do AI-5.

O AI-5 NO LAR ONZE DE MAIO

É notável a analogia que é possível estabelecer entre o regulamento do Onze de Maio e certos itens do AI-5:

- a) a suspensão dos direitos políticos de qualquer cidadão - são ignorados por completo os desejos dos internos quanto à gerência de suas próprias vidas: tudo, absolutamente tudo, é ditado de cima, através de normas elaboradas pela direção e por "especialistas";
- b) a remoção, aposentadoria ou reforma de quaisquer titulares de cargos públicos - segundo Cortines, seu azar "foi ser incapaz de lidar com os membros da hierarquia superior da administração esportiva"; tendo sido, portanto, aposentado "para ir apagando como uma lâmparina" (14);
- c) a suspensão de garantias constitucionais referentes às liberdades de reunião e associação:

Os internos que quiserem, e são poucos, podem ficar no pátio uma hora por dia, para apanhar sol. No pátio somos muito vigiados pelos Irmãos. Sempre que percebem que internos estão conversando em algum banco eles se aproximam com algum pretexto, como saber da nossa saúde, ou falar do tempo, mas o que objetivam é descobrir do que estamos falando. (15)

O que vocês tanto conversam?, pergunta o Ir-

mão.

Eu e o Pharoux estamos sentados no mesmo banco no pátio. Não sei por que, quando vi Pharoux sentei-me ao lado dele.

Não estamos conversando; diz Pharoux.

Por que vocês não estão vendo televisão?, pergunta o Irmão gentilmente. Já passou da hora do recreio no pátio.

Os irmãos nunca perdem a paciência.

Não gosto de televisão, diz Pharoux.

Vamos, vamos, diz o Irmão amavelmente, pegando meu braço e me conduzindo para o cubículo, está na hora de descansar. (16)

"Não quero o senhor se metendo mais no quarto dos outros, está bem? Do contrário, serei obrigado, infelizmente e contra a minha vontade, a suspender o seu café da manhã. É o Regulamento." (17).

d) a censura da imprensa, correspondência, telecomunicações e diversões públicas - no asilo pode-se fazer duas coisas: ver as árvores (por um tempo limitado) e olhar TV (que fica ligada dia e noite):

"Os velhos são surdos e as televisões são colocadas em volume muito alto. Como é um programa único, o som é envolvente, brota de todos os cantos, mas isso não impede que os internos durmam logo que entram no seu cubículo e olham a tela por alguns minutos." (18)

"Os programas são transmitidos em circuito fechado de algum lugar do Lar. Velhas novelas, transmitidas sem interrupção." (19)

"Não há meio de desligar a maldita televisão. O aparelho é ligado e desligado por controle remoto, do mesmo lugar onde a imagem é transmitida." (20)

Os irmãos, apesar de jovens, são preguiçosos, e após o almoço gostam de descansar, e mesmo aqueles que estão de serviço fazem isso. Eles também têm televisão no quarto e assistem a outros programas que não são os transmitidos para nós. Sei, por perguntas que faço inocentemente, que eles também dormem em frente ao vídeo. Televisão é muito interessante, desconhecendo o sono e o esquecimento. Não consigo me lembrar das coisas que vejo. (21)

Um dos velhinhos, ex-engenheiro eletricitista, quando

tenta montar um rádio, é impedido de fazê-lo:

"A filha levou-lhe as peças. Ouvir é permitido, disse o Irmão, mas o laser não pode ser uma fonte de injustiças, aqui todos devem ter as mesmas coisas. Lá se foi o brinquedinho de Baldomero." (22)

Os cubículos são freqüentemente inspecionados:

"Dez vez em quando eles fazem limpeza nos cubículos e mandam o interno sair. Vão sempre dois irmãos. Eles fuçam todos os papéis, apreendem os livros, não é limpeza nenhuma, é uma fiscalização, uma espécie de espionagem." (23)

O objetivo central do "lar" parece, realmente, ser a soporização das consciências:

"Eu só durmo de noite, havia dito Pharaux.

Eu durmo de dia e de noite. Basta deitar que logo durmo, respondi.

É isso que eles querem. Quanto mais você dorme mais você vai querer dormir. Um dia não acordará mais." (24)

O CORPO DOS MORTOS

Observando a elevada taxa de mortalidade do asilo, José, certo dia, indaga a um dos Irmãos "o que faziam com o corpo dos que morriam":

Ele ficou muito surpreendido com a pergunta. E desconfiado.

Como? O que você quer dizer com isso?

Muitos aqui não têm família ou se têm os parentes não se interessam por eles, quase ninguém recebe visitas. (...) Quer dizer, estou pensando no meu caso, eu não tenho ninguém, se morrer quem vai me enterrar?

O Irmão pareceu aliviado.

O Instituto, é claro. As despesas correm por conta do Instituto, não se preocupe com essas coisas. Vamos, vamos, veja televisão, divirta-se, não fique aí imaginando coisas tristes, preocupando-se à toa.

Entrou comigo no meu quarto e ficou em pé assistindo a dez minutos de novela. (...) Fingi prestar atenção ao vídeo até ele ir embora.

(25)

Depois, ainda pensando no assunto, chega a outra constatação:

Todos os internos morrem à noite. (...) Quando eu vejo alguém tossindo e gemendo, ou então muito quieto na sua cama, já sei que de manhã seu cubículo estará vazio. (...) Talvez sejam encaminhados para aqui os velhos que estão caquéticos, com uma curta expectativa de vida. Isso explica por que todos morrem em tão pouco tempo. Ou será outra coisa, um projeto mais amplo, uma política para todos nós? (26)

Então, durante o sono, ele chega, afinal, à descoberta atroz:

Ontem sonhei que estava dando aula e no solo discursava sobre o que era Bom e o que era Ruim para a Humanidade. Eu dizia que o Bom era o Poder e o Mau, o Ruim, era a Fraquesa, os fracos deviam ser ajudados a perecer. Mas subitamente eu não estava mais numa sala de aula, havia uma guerra, que os velhos, os doentes, eram mortos e queimados num forno e a chaminé do forno era igual à do Lar Onze de Maio. Um pesadelo nietschiano. (27)

O sonho do forno crematório como que desperta, definitivamente, a consciência de José, pondo-o de sobreaviso:

Eu já havia notado que o café da tarde tinha gosto de café requentado. (...) Mas aquele gosto seria mesmo de café velho? Por que faziam eles questão de que eu o tomasse? Quando o Irmão se afasta, cuspo o café e a cápsula no penico, para onde vai também o resto da caneca.

Não vou deixar eles me envenenarem.

Esta noite não sou dominado, como sempre acontecia, por um sono turbulento. Já estou deitado, olhando para a maldita televisão há mais de duas horas, e o sono não veio. O gosto estranho do café da noite é de algum entorpecente, concluo, excitado. Há muito que eu não me sentia tão bem. Estou derrotando os Irmãos! (28)

Volto para o meu cubículo. Nunca me senti tão bem na minha vida. Acho mesmo que a minha

diarréia acabou. Sou mais inteligente do que eles. Já sei por que ninguém dura mais de seis meses aqui. Se o interno não morrer das humilhações e privações, do desespero e da solidão, eles o envenenam e matam. A chaminé! Aquele cheiro é de carne queimada! Nós não vemos a comida que comemos, nem um enterro decente. Não consigo sopitar a minha alegria. (...) Estou vivo, escapei, com minhas próprias forças, do destino torpe que eles armaram para mim, e isso me enche de euforia. (29)

Liberto de seu estado de alienação, ele está pronto para lutar: sua mente se enche de reminiscências dos heróis que lutaram contra a Injustiça:

"Se nos unirmos, todos os velhos do mundo, poderemos mudar essa situação. Podemos compensar nossa fraqueza física com a astúcia. Sei como foram feitas todas as revoluções (30)

Esperançoso, procura as únicas pessoas em quem confia: Pharoux e Cortines. - Estes, conscientizados a partir do discurso questionador do amigo, unem-se à sua causa e propõem um motim, que rapidamente é levado a efeito: usando de um subterfúgio, invadem o apartamento do Diretor. Passada a tensão do primeiro momento, os três amotinados, famintos e mal acreditando no que vêem, deparam com a geladeira maravilhosa:

"Agora comem ovos com presunto e bebem cerveja. A coisa que os velhos mais gostam é comer. (...) Talvez, stricto sensu, possa se dizer isso, que o objetivo final de toda revolução é mais comida para todos." (31)

Entretanto, enquanto seus aliados gozam de uma alegria quase infantil, enchendo o estômago despreocupadamente, José, o intelectual, pressente as grandes dimensões da batalha ainda mal começada, experimentando, já antecipadamente, a fadiga incomensurável do esforço sobre-humano:

Começo a sentir um cansaço muito grande. Deito-me no sofá da sala... Acho que posso dormir um pouco, as negociações talvez se arrastem... (...) Acho que estamos iniciando uma revolução... mas é preciso que o nosso gesto saia desta torre e faça os outros pensarem... (...) Como estou cansado... Antes de dormir tenho que falar com Pharoux e Cortines. Eles estão na cozinha, comendo ruidosamente... temos que traçar os nossos planos... (32)

LINHAS E ENTRELINHAS

O Onze de Maio é um exemplo típico do descaso com que, via de regra, são tratados aqueles que, uma vez desgastados fisicamente, não mais se prestam a ser instrumentos do sistema econômico vigente: o homem só é homem enquanto meio de produção, e, havendo-se reduzido sua capacidade de trabalho, seu teor emocional converte-se, automaticamente, em algo dispensável - subversivo até -, exigindo, conseqüentemente, neutralização imediata, a começar pela marginalidade neurotizante a que os improdutivos são submetidos:

Sei que depois de quase seis meses internado aqui, inerte, preguiçoso e entediado, mal alimentado, solitário e melancólico, tenho que tomar muito cuidado com os meus pensamentos. O ser humano necessita de segurança, dignidade, bem-estar e respeito, mas aqui só existe miséria e degradação. Sinto-me pior do que se eu tivesse louco numa camisa-de-força e meus pensamentos devem sofrer com isso. (33)

A própria conotação de "espaço de descanso" com que é apresentado o lugar, por meio de inscrições estereotipadas como "A Vida é Bela" e "Chegou a Hora da Colheita" (34), serve para acobertar uma transição compulsória da vida para a morte ("Eu ia dizer: morte, essa é a colheita que nos resta.") (35), pois, a partir do momento em que o indivíduo nada mais acrescenta ao montante capitalista, necessário se faz eliminá-lo.

A Diretoria segue um princípio elementar: os elementos gregários são menos maleáveis do que os unitários (os laços fraternos apresentam, sempre, grandes e numerosos riscos potenciais): levantando barreiras ao relacionamento interpessoal, a Instituição assegura a própria sobrevivência - é precisamente do separatismo odioso e alienante, a que os velhinhos são sujeitos, que ela se robustece ("Ninguém se incomoda com a rotatividade dos internos, afinal aqui dentro não se fazem amigos.") (36). - Fragmentado, pois, o mal desde a raiz, manter a vitalidade do regime de dominação não é difícil: seja pelo condicionamento repetitivo da programação televisiva, seja pela ministração periódica de drogas calmantes ("Eles dopam a gente todas as noites. Já avisei o Cortines para não tomar o café.") (37), seja, enfim, pela conversa fingida, gentil e "atenciosa" dos irmãos, ou mesmo pelos castigos apontados no "Regulamento", o que interessa é que o

isolamento desumano e a passividade se conservem, rotulando-se de "caritativo" ao que é crueldade, frieza e corrupção.

A fome, acrescida aos mecanismos já enunciados, é utilizada, constante e eficazmente, não apenas como pressão psicológica, mas também como punição aos infratores renitentes:

O lanche é apenas uma xícara de café com um pedaço de pão. É servido às dezessete horas. Se por qualquer motivo eu demorar algum tempo a dormir (o que é raro) a fome fica insuportável e sonho com o café da manhã que é servido às seis horas. Café puro com pão.

O Irmão com o carro do café passa de manhã pela minha porta e não para. Tenho vontade de correr atrás dele e pedir um pedaço de pão. Mas me contenho. Chega de migalhas, de degradação. Estou sentindo raiva, quem sente raiva não precisa tomar café, não precisa de pão.
(38)

As entrelinhas dessa passagem demonstram, na verdade, algo bastante óbvio, mas que as elites, ao que tudo indica, nunca percebem: que os limites da tolerância humana, quase que invariavelmente, coincidem com os do seu estômago vazio - desse ângulo, já foi dito, o fator comida suficiente, meta primordial de todos os famintos, é a base, a mola-mestra das revoluções - e a raiva, o ódio recalcado pela fome crônica ("Alguém já disse que o ser humano ama as pressas, mas odeia devagar.")(39), pode, em tais circunstâncias, degenerar em brutalidade (ou, nos dizeres de Régis de Moraes, "violência dos fracos")(40), "uma agressividade ritualística com a qual pretendem, de alguma forma, atingir toda a máquina social que os diminui e menospreza" (41):

"Pharoux carrega com ele um estilete de aço (...) tem sempre um ar hostil, sua cara parece dizer: odiar é o mais longo e o melhor dos prazeres." (42)

Assim, quando na consecução do motim, as "perfurações no pescoço do Diretor", operacionalização de "instintos destrutivos reprimidos" (43), são mera amostragem do que pode acontecer - e acontece - no momento em que a violência branca (institucional) se converte em violência vermelha (marginal).

Contudo, ao contrário de outras obras do autor, não há efusão de sangue no Onze de Maio: sua abordagem centraliza-se, basicamente, nos efeitos que essa violência dos pode-

rosos (calma, fria, segura de si mesma, com técnicas opressoras eficazes, refinadas e discretas), desencadeia sobre suas vítimas. - Tais efeitos, é claro, não se restringem à superfície, alcançando níveis psíquicos muito profundos, mesmo inconscientes: é nas regiões abissais da mente humana que a semente ideológica encontra seu solo mais fértil. Não é de admirar, por conseguinte, que as classes hegemônicas tanto se ocupem com a implantação e generalização de suas idéias: como explica Marilena Chauí, "uma classe é hegemônica não só por que detém a propriedade dos meios de produção e o poder do Estado (isto é, o controle jurídico, político e policial da sociedade), mas (...) sobretudo porque suas idéias e valores são dominantes, e mantidos pelos dominados até mesmo quando lutam contra essa dominação." (44)

Logo, a menos que haja uma ruptura com essa ideologia, a sublevação dos oprimidos é, de fato, impossível:

Onde está o velho que eu era? (...) não sou mais o chorão envergonhado, amedrontado e triste, cujo maior desejo na vida era comer um bombom de chocolate. Aquele ser velho me foi imposto por uma sociedade corrupta e feroz, por um sistema iníquo que força milhões de seres humanos a uma vida parasitária, marginal e miserável. Recuso esse suplício monstruoso. Esperarei a morte de maneira digna. (45)

"A história ensina que todos os direitos foram conquistados pela força. A fraqueza gera a opressão. Mas somos apenas três velhos. Não! Devo esquecer que sou velho. Já estou, novamente, aceitando os condicionamentos que me foram impostos.

Somos três seres humanos!, grito." (46)

Ora, não pode haver rebelião sem conscientização: foi exatamente isso que o AI-5 tentou impedir, e a Censura atuou firme dentro desse propósito. - É o provável motivo que levou o escritor a dissimular, genial e sutilmente, a subversão de sua mensagem por detrás de certas palavras e situações alegóricas:

"Do lugar onde estou vejo a chaminé do forno de lixo, jogando fumaça para o ar. A fumaça é negra. Que lixo será que eles queimam? Restos de comida, papéis sujos? A fumaça fica branca.

Acabaram de escolher um novo Papa, digo." (47)

(Se estabelecermos um paralelo entre o conclave dos cardeais e o sistema eleitoral indireto que vigorou longos

anos no Brasil, esse trecho ganha outra perspectiva. O lixo simboliza o povo, apenas um objeto de consumo, fraco e descartável, que alimenta a fornalha dos fortes.)

Um dia Pharoux me perguntou o que era história e eu respondi, brincando e citando não me lembro mais quem (ecmnésia, minha memória já não é mais a mesma), que a história é algo que nunca aconteceu, escrito por alguém que não estava lá. Ele disse que não entendia. Se não aconteceu, como é que é história?, perguntou. Pharoux é assim, sem imaginação. (48)

("Ecmnésia", segundo Caldas Aulete, é o "esquecimento de todos os fatos sucedidos desde certa época em diante". (49))

Não se pode negar que uma das conseqüências mais graves do período ditatorial foi, sem dúvida, o incentivo à alienação, tanto pelos meios de comunicação de massa quanto pelo esvaziamento do ensino:

Foi um absurdo terem me aposentado. Foi tudo tão de repente. Eu ainda poderia ter ensinado durante muitos anos. Meus alunos adolescentes eram, na maioria, consumados imbecis, mas sempre existiam uns dois, em cada classe, para quem valia a pena o esforço de preparar e dar a aula. Nunca entendi por que eram tão poucos aqueles que se interessavam por história. É verdade que a maioria não queria saber de coisa alguma, meus colegas das outras disciplinas também se queixavam da mesma apatia. Mas a culpa, é claro, não era apenas dos alunos, condicionados e despersonalizados. (50)

A experiência (e a própria história) ensinam que os povos e os governos nunca aprendem nada com a história. Assim, também nós, os velhos, nada aprendemos com a nossa experiência. É uma frase idiota essa: se a juventude soubesse e a velhice pudesse. Por que será que nós os velhos não podemos? Porque não deixam, só por essa razão. (51)

Já o acesso à informação exclusivamente quando bem

mastigada e pré-digerida (evidentíssimo na televisão, mais ou menos velado nos demais casos), ele nos remete de volta ao problema dos "dentes" ("Uma comidinha macia é mais fácil de ingerir..."(52)) - José, ex-professor, é, neste sentido, um privilegiado:

"Tenho muitos dentes, mas são postiços, quase todos, e balançam na minha boca, precariamente" (53) - "emmesia (...) história é algo que nunca aconteceu" (54) - "Mas é melhor ter dentes postiços do que nada. Reconheço." (55)

Tendo caído em si, ele se destaca imensamente da esmagadora maioria - veja-se, por exemplo, o quadro do Sapateador, reduzido a uma infantilidade ridícula, deplorável, diante de alguém que está prestes a afrontar o mundo com sua revolta:

Quando me vê, ele se levanta da cama, o corpo tremendo, e inicia uma grotesca dança: bate com os pés no chão, sacode os braços e relincha como se fosse um cavalo.

Tenho medo que o barulho desperte a atenção dos Irmãos. Tapo a boca do velho com minhas mãos. Ele se aquieta docilmente e fica coçando as gengivas nas minhas mãos [tal e qual um nenê], chupa os meus dedos. Sua saliva é grossa e fedorenta. Sinto nojo, limpo as mãos na parede. Ele emite pequenos sons fininhos como se fosse uma corneta em surdina, e continua a sapatear mas não tão espalhafatosamente. (56)

José pelo contrário, recusando-se à desumanização e à dependência, consegue alimentar um sonho: o de, à semelhança de Malesherbes, encaminhar-se, tranqüilo, para a guilhotina, "depois de ter tido o cuidado de dar corda no relógio" (57):

Queriam me matar porque insistia em chamar Luís XVI de Majestade. Mas eu assim o chamava não porque o respeitasse ou gostasse dele, mas porque sendo velho acreditava ser meu direito ir contra os detentores do poder, que estavam com faca e o queijo na mão. Melhor dizendo a guilhotina é o canhão na mão. No sonho. (57)

Disse Roland Barthes que "a linguagem do oprimido tem como objetivo a transformação, a linguagem do opressor, a

eternização" (58) - No Onze de Maio, a rotina estanque, cíclica, eterniza uma agonia; dando corda no relógio, o amotinado reafirma a progressão temporal, a existência de um processo histórico, e, naturalmente, age em prol de um amanhã vivo, diferente do ontem e do hoje.

A pergunta que se segue ("Por que sonho com Malesherbes, e não com Getúlio Vargas, ou Dom Pedro I ou Tiradentes?" (50)) habilmente traz de volta a questão da analgesia ideológica. Nossos heróis são mitos que a Escola cultiva, e tão irrealis, tão fantasiosos quanto as apreciadas e acalentadoras "novelas" da TV: cheios de conteúdo mítico, embriagam como o ópio, estimulantes e sedativos - duas forças contrárias que se anulam uma a outra (café com sonífero e tela de vídeo - esta última por demais interessante, mas diante da qual todos dormem, estuporados em suas camas).

Ainda citando Barthes, "a função do mito é evacuar o real: literalmente, (...) é um escoamento incessante, uma hemorragia, ou, se se preferir, uma evaporação; em suma, uma ausência sensível." (60) Malesherbes, extrapolando os limites previstos, é uma ilusão clandestina, abolicionista, proibida (e combatida, pois somente os sonhos inócuos, desinfetados e adialéticos é que devem prevalecer): o intelectual, pelo exercício de uma consciência ativa, pode, através do seu discurso, desmitificar o poder opressor. - Daí ser preciso silenciá-lo, erradicá-lo a periculosidade. E decretar um AI-5.

CONCLUSÃO

Como alegoria da Ditadura, "Onze de Maio" guarda uma poderosa lição, que emerge de seus meandros revolucionários, e, apesar da carga pessimista a que Fonseca, em geral, nos conduz, pode-se afirmar que esse conto, particularmente, contrariando a regra, não rejeita a luz no fim do túnel, não abre mão da esperança - por mais tênue e bruxuleante que pareça, ela está presente - demonstrando, pelo desempenho das personagens (sobretudo o protagonista), que a capacidade de reação do homem não se esgota por determinação da sociedade.

Não há imposição que obrigue um indivíduo a se deixar destruir: ainda que alquebrado pela adversidade, ele abriga, em si, o embrião de um vencedor. - Realizando uma tomada de consciência, uma redescoberta de sua própria humanidade, de sua condição de criatura viva, de criatura agente (e não um mero simulacro, jogado fora tão logo se tenha enfraquecido), descerra-se um novo horizonte: o de uma força ca-

paz de mover montanhas, romper as amarras da escravidão ao sistema e declarar-se livre, soberana.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. SILVA, Hêlio Ribeiro da. 1964: Golpe ou Contragolpe?, p. 200-3.
2. _____ . Op. cit. p. 30.
3. CRUZ, Sebastião C. Velasco e et alii. Sociedade e Política no Brasil pós-64, p. 36.
4. FONSECA, Rubem. O Cobrador, p. 138.
5. _____ . Op. cit., p. 135.
6. _____ . Op. cit., p. 150.
7. _____ . Op. cit., p. 156.
8. _____ . Op. cit., p. 139.
9. FONSECA, Rubem. O Cobrador, p. 138.
10. _____ . Op. cit., p. 138.
11. _____ . Op. cit., p. 139-40.
12. _____ . Op. cit., p. 146.
13. _____ . Op. cit., p. 146.
14. _____ . Op. cit., p. 141.
15. _____ . Op. cit., p. 152.
16. _____ . Op. cit., p. 137.
17. _____ . Op. cit., p. 140.
18. _____ . Op. cit., p. 143.
19. _____ . Op. cit., p. 135.
20. _____ . Op. cit., p. 137-8.
21. _____ . Op. cit., p. 145.
22. _____ . Op. cit., p. 135.
23. _____ . Op. cit., p. 143-4.
24. _____ . Op. cit., p. 138.

25. FONSECA, Rubem. O Cobrador. p. 143.
26. _____ . Op. cit., p. 144.
27. _____ . Op. cit., p. 149.
28. _____ . Op. cit., p. 150.
29. _____ . Op. cit., p. 151-2.
30. _____ . Op. cit., p. 152.
31. _____ . Op. cit., p. 156.
32. _____ . Op. cit., p. 156.
33. _____ . Op. cit., p. 149.
34. _____ . Op. cit., p. 136.
35. _____ . Op. cit., p. 136.
36. _____ . Op. cit., p. 142.
37. _____ . Op. cit., p. 153.
38. _____ . Op. cit., p. 146.
39. _____ . Op. cit., p. 142.
40. MORAIS, Regis de. O que é Violência Urbana. p. 33.
41. _____ . Op. cit., p. 40.
42. FONSECA, Rubem. O Cobrador, p. 141-2.
43. _____ . Op. cit., p. 156.
44. CHAUI, Marilena. O que é Ideologia, p. 110.
45. FONSECA, Rubem. O Cobrador, p. 153.
46. _____ . Op. cit., p. 154.
47. _____ . Op. cit., p. 136.
48. _____ . Op. cit., p. 142.
49. AULETE, Caldas. Ecmnesia In: Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, p. 1602.
50. FONSECA, Rubem. O Cobrador, p. 149.
51. _____ . Op. cit., p. 142.
52. _____ . Op. cit., p. 140.
53. _____ . Op. cit., p. 140.
54. _____ . Op. cit., p. 142.

55. FONSECA, Rubem. O Cobrador, p. 140.
56. _____ . Op. cit., p. 151.
57. _____ . Op. cit., p. 141.
58. BARTHES, Roland. Mitologias, p. 169.
59. FONSECA, Rubem. O Cobrador, p. 141.
60. BARTHES, Roland. Mitologias, p. 163.

BIBLIOGRAFIA

1. FONSECA, Rubem. O Cobrador. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, 1979.
2. SILVA, Hêlio Ribeiro da. 1964: Golpe ou Contragolpe? Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira, 1975.
3. CRUZ, Sebastião C. Velasco e et alii. Sociedade e Política no Brasil pós-64. 2. ed. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1984.
4. MORAIS, Regis de. O que é violência Urbana. 2. ed. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1981.
5. CHAUI, Marilena. O que é Ideologia. 18. ed. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1985.
6. AULETE, Caldas. Ecmnesia In: Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Ed. Delta S.A., 1958, v. 2.
7. BARTHES, Roland. Mitologias. 4. ed. São Paulo - Rio de Janeiro. Ed. Difel, 1980.
